V ENCONTRO NORDESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA
COMUNICAÇÃO, HISTÓRIA E CIDADANIA: 30 ANOS DA CONSTITUIÇÃO CIDADÃ
Recife · Pernambuco · 2018

Dos jornais ao Nobel de Literatura: apontamentos para um estudo do legado de José Saramago[1]

Maria do Socorro Furtado VELOSO[2]
Henrique Alberto MENDES[3]
Pedro Henrique Torres BEZERRA[4]

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

A passagem de José Saramago por redações de jornais instiga um novo olhar diante de biografia do romancista português, falecido em 2010, sob a perspectiva do quanto esse período reflete-se em aspectos de sua literatura e também de sua trajetória intelectual e política. Um significativo conjunto de estudos a respeito da vida e obra de Saramago tem sido produzido nas últimas décadas, sobremaneira após 1998, ano em que o autor de *Memorial do convento* (1982) recebeu o Nobel de Literatura - o primeiro atribuído a um escritor de língua portuguesa. A amálgama de olhares lançados sobre esta notável figura intelectual é um dos suportes do presente artigo, construído na forma de perfil biográfico. Ao recuperar acontecimentos relevantes da vida de Saramago, especialmente relativos ao período em que atuou na imprensa de Lisboa, nosso intuito é compreender as conexões entre as experiências do cronista, do editorialista e do nobelado escritor, e o modo como essas experiências, direta ou indiretamente, deixaram marcas em sua vasta produção literária. Este estudo foi produzido no âmbito do projeto de pesquisa "Jornalismo, literatura e política: as contribuições da obra de José Saramago para uma leitura crítica das mídias", ora em andamento no Departamento de Comunicação Social da UFRN.

Palavras-chave: Jornalismo; Literatura; Prêmio Nobel; José Saramago**.**

Introdução

O neto de lavradores portugueses, cuja trajetória escolar promissora num liceu fora interrompida pela necessidade de se profissionalizar rapidamente frente às dificuldades enfrentadas pela família saída da aldeia da Azinhaga, na província do Ribatejo, rumo a

[1] Trabalho apresentado ao GT História do Jornalismo, integrante do 5º Encontro Nordeste de História da Mídia.
[2] Pós-doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa. Professora adjunta do curso do curso de Comunicação Social (Jornalismo) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Coordenadora do projeto de pesquisa "Jornalismo, literatura e política: as contribuições da obra de José Saramago para uma leitura crítica das mídias" (UFRN). Integrante dos grupos de pesquisa Pragma e Ecomsul. E-mail: socorroveloso@uol.com.br.
[3] Licenciado em Letras, estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e bolsista Pibic do projeto de pesquisa "Jornalismo, literatura e política: as contribuições da obra de José Saramago para uma leitura crítica das mídias" (UFRN). E-mail: hmendes692@gmail.com.
[4] Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e voluntário do projeto de pesquisa "Jornalismo, literatura e política: as contribuições da obra de José Saramago para uma leitura crítica das mídias" (UFRN). E-mail: pedrohtorres@outlook.com.

Lisboa, tornar-se-ia serralheiro mecânico como a melhor das opções apresentadas. Para o jovem que também viria a desempenhar funções no serviço público, a oportunidade de melhorar o aprendizado só poderia se dar pelo autodidatismo, e essa percepção se confirmou quando passou a frequentar assiduamente bibliotecas públicas da capital portuguesa, a partir dos anos 1940.

Esta é uma pequena parte da grande história legada à humanidade por um escritor de origem popular que logrou receber o maior de todos os prêmios, em sua área: o Nobel de Literatura, em 1998. Mas José Saramago tornou-se célebre não apenas pelo grande êxito que foi angariar para a literatura de língua portuguesa o seu primeiro galardão vindo de Estocolmo. Célebre foi, também, pela trajetória intelectual que o inscreve na história do século XXI como uma das mais relevantes vozes do debate público em torno das questões relacionadas ao exercício efetivo da democracia, aos direitos humanos, à defesa da cultura, da justiça social e da cidadania. Sua voz fez-se ouvir por meio da prolífica produção literária e também pelo uso habilidoso dos meios de comunicação como plataforma de exposição de ideias, seja na condição de cronista, editorialista ou de fonte permanente para jornais e jornalistas, como ele foi, ao longo da vida.

Pautado por uma visão de mundo avessa ao neoliberalismo econômico e crítico feroz da alienação dos cidadãos ante os processos políticos, Saramago assumiu posições hoje impossíveis de serem descoladas de sua obra. E sua obra é impossível de ser descolada da literatura universal que nos intermedeia e faz reconhecer.

No ano que marca duas décadas da atribuição do primeiro Nobel de Literatura a um autor que escrevia em português, este artigo, na forma de perfil biográfico, visa a iluminar aspectos da vida de José Saramago relacionados à sua passagem pelo jornalismo português, sob a perspectiva do quanto esse período da carreira profissional do escritor inscreve-se em suas obras de ficção e não ficção, e também em sua trajetória intelectual.

Este estudo foi produzido no âmbito do projeto de pesquisa “Jornalismo, literatura e política: as contribuições da obra de José Saramago para uma leitura crítica das mídias”, ora em andamento no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Metodologia

No que se refere à metodologia utilizada, entendendo a revisão bibliográfica como parte preponderante de qualquer trabalho de pesquisa, conforme aponta Stumpf (2010), procedemos à análise do presente objeto a partir de obras do escritor em questão, bem como do referencial teórico produzido e registrado pelas fontes especializadas na temática a que este trabalho se associa: a vida e obra de José Saramago. Nesta empreitada, o passo inicial se deu pela revisão da literatura sobre o tema; afinal, tal prática "é uma atividade contínua e constante em todo o trabalho acadêmico e de pesquisa, iniciando com a formulação de problema e /ou objetivos de estudo e indo até a análise de resultados" (STUMPF, 2010, p.52).

Quanto à opção pelo perfil biográfico, entendemos como uma técnica apropriada ao presente estudo, considerando que nossa intenção, aqui, é produzir um breve relato capaz de relacionar aspectos cruciais da memória do personagem, "recuperando as dimensões estruturais e coletivas do que Hegel chamou de 'histórico-universal'" (GOBBI, 2010, p.86). A autora se refere ao alcance coletivo contido nas experiências individuais que emergem das biografias, e que, segundo Vilas Boas, "sugerem o universal embutido na particularidade de um indivíduo" (VILAS BOAS, 2002, p.37 apud GOBBI, 2010, p.90).

A autora assevera, ainda, que "mais do que um desafio, escrever histórias de vida é uma possibilidade singular de mergulhar no passado, no íntimo dos entrevistados. É a dicotomia entre o real e o pessoal, a produção e a ruptura. É, a nosso ver, a renovação do presente" (GOBBI, 2010, p.84). Desse modo, reconstituir passagens da vida de Saramago nos interessa à medida que esses eventos possam fornecer a dimensão contextual necessária para a compreensão das facetas do cronista, do jornalista, do escritor e do intelectual, e do modo com essas facetas se relacionam para culminar numa vibrante produção literária.

Caminhos que combinam literatura e jornalismo

Nascido José de Sousa, Saramago ganhou esse sobrenome por um erro no cartório, que somou-se à sua data de nascimento, redigida também erroneamente, com acréscimo de dois dias à verdadeira data - 16 de novembro de 1922 - e que foi marcada como 18, em registros oficiais. Esses erros, no entanto, só foram descobertos quando entrou na escola, conta João Marques Lopes, um dos biógrafos de Saramago (LOPES, 2010, p. 19).

Das matérias estudadas ainda menino, "das redações, dos exercícios gramaticais, dos verbos, das ciências ou da aritmética das aulas oficiais, a criança já demonstrava certa curiosidade própria pelo mundo e pelo saber", prossegue Lopes (2010, p.18-19). Ainda na

infância, o futuro autor de *Ensaio sobre a cegueira* (1995) adquire um hábito incomum entre as crianças: a leitura de jornal Diário de Notícias, no qual viria a atuar em 1975, como editorialista.

Após um período de estudos no Liceu Gil Vicente, em Lisboa, Saramago ingressou no curso técnico de serralheria mecânica, concluído em 1940, quando estava com 18 anos de idade. Nesta fase da vida, seu interesse pelos livros se aprofundou:

> Os contrapontos oferecidos por matérias como português, francês e um pouco de literatura recolhida nas antologias oficiais deixaram marcas para caminhos inesperados. Em pouco tempo, o encontro com os textos de escritores portugueses serviria de ponto de partida para o mundo das bibliotecas, para a descoberta de outros autores e livros (LOPES, 2010, p. 25 e 26)

A partir desse encontro com o mundo das bibliotecas, e da paixão que passou a nutrir pelas palavras em suas diferentes possibilidades, José Saramago escreveria 17 romances, dois livros infanto-juvenis, cinco peças teatrais, três obras poéticas, além de memórias, literatura de viagem, diários, coletâneas de contos, editoriais e crônicas. Também fez traduções, escreveu críticas literárias, produziu artigos para revistas e jornais, preparou discursos e conferências que proferiu em Portugal e no exterior e até alimentou um blog, nomeado de Outros Cadernos (http://caderno.josesaramago.org).

Em 1947, Saramago publicou um romance sem maior repercussão – *Terra do pecado*. Depois, passou a escrever poemas e contos. Também investiu em tradução, ofício que aprendeu por conta própria, e tornou-se colaborador da revista Seara Nova, para a qual, entre outras atividades, produziu críticas de livros. Atuou, ainda, na editorial Estúdios Cor, onde permaneceu entre 1959 e 1971, e na qual aprendeu as engrenagens da edição. Lá, passou a manter contato com personalidades da literatura e das artes que o tornaram conhecido no cenário cultural de Lisboa. Era, àquela altura, o "cronista, crítico literário, poeta e homem experiente na área de edição" (LOPES, 2010, p. 61).

No jornalismo, sua trajetória começou a ser trilhada em 1968, quando foi convidado a escrever crônicas para o diário A Capital e depois, em 1971, para o semanário Jornal do Fundão, ambos de Lisboa. Nas crônicas, os objetos de escrita pairavam sobre memórias da infância e da adolescência nômade que vivera por Portugal, sobre suas leituras e personagens importantes do cotidiano, como os avós maternos - tão especiais em sua vida que até receberam homenagem no discurso que proferiu em Estocolmo, por ocasião da entrega do Nobel.

A pesquisadora Martha Aguiar (2014) entende a produção de crônicas para A Capital e Jornal do Fundão como a primeira fase da passagem de Saramago pela imprensa portuguesa. Esse período coincide com o governo de Marcelo Caetano, que terminaria em 1974, após a chamada Revolução dos Cravos. Caetano substituiu o ditador Antônio Salazar, que permaneceu no poder, de forma autoritária, entre 1932 e 1968.

Na segunda fase - período de desagregação da ditadura e num dos momentos mais agitados da revolução -, Saramago se envolveu com o jornalismo de caráter interventivo, abordando temas que refletiam o contexto político e social da época.

O escritor trabalhou no Diário de Lisboa entre 1972 e 1973, e no Diário de Notícias por sete meses, em 1975. No primeiro atuou como editorialista, comentando episódios da atualidade portuguesa. Foram mais de duas centenas de textos, depois reunidos no livro *As opiniões que o DL teve* (1974). Em abril de 1975, um ano após a revolução, assumiu o cargo de diretor-adjunto do DN, do qual foi demitido em novembro, no golpe contrarrevolucionário, por suas posições e pela ligação com o Partido Comunista Português, no qual militou desde 1969.

A passagem pelo DN incluiu um confronto de natureza ideológica com duas dezenas de jornalistas que ali atuavam, face à linha editorial então adotada pelo jornal. Trata-se de um episódio marcado pela controvérsia de visões sobre o papel do escritor na consequente demissão desses jornalistas, como apontam Lopes (2010), Gomes (2014) e Aguiar (2014).

José Saramago nunca se considerou, a rigor, um jornalista. Em entrevista concedida em 1980 ao jornal Diário de Lisboa, hoje extinto, justificou: "Não é jornalista um homem que não passou pela tarimba, pelos rudimentos da profissão, pelos tribunais, pela polícia, pela reportagem, pela entrevista, pela rotina frustradora, pela excitação de sacar uma notícia primeiro que a concorrência". Lembra que ingressou em jornais pela porta das administrações, ainda que tenha sempre se esforçado "para entender os claros e escuros duma profissão cheia de alçapões" (AGUILERA, 2010, p.78-79).

É fato que Saramago nunca atuou como repórter enquanto trabalhou em jornais. No entanto, viria a demonstrar familiaridade com engrenagens típicas do jornalismo por ocasião das pesquisas de campo que realizou para romances como *Levantado do chão* (1980), *Memorial do convento* (1982) *e O ano da morte de Ricardo Reis* (1984). No primeiro caso, em 1976, instalou-se por pouco menos de dois meses na Vila de Lavre, região do Alentejo.

Lá conviveu com dezenas de trabalhadores rurais e deles ouviu testemunhos de exploração, resistência e esperança:

> Quando voltei trazia cerca de duas centenas de páginas com notas, casos, histórias, também alguma História, imagens e imaginações, episódios trágicos ou burlescos, ou apenas o cotidiano banal, acontecimentos diversos, enfim, a safra que é possível recolher quando nos pomos a perguntar e nos dispomos a ouvir, sobretudo se não há pressa (SARAMAGO apud LOPES, 2010, p. 93).

Entendemos que Saramago produziu, a partir dessa experiência em Lavre, um movimento de aproximação com as técnicas jornalísticas caracterizado pela imersão na cena dos acontecimentos, pela recolha de relatos plurais, pela observação direta da realidade. Mas, se soube apropriar-se de recursos similares às técnicas do jornalismo para traçar painéis da realidade que deram suporte a alguns de seus romances, o escritor foi, também, um crítico contumaz dos meios massivos e da imprensa. Uma síntese das motivações que lastrearam essas críticas está sistematizada na conferência intitulada "Informação – A quadratura do círculo", proferida em julho de 2004 na Universidade Menéndez Pelayo, em Santander (Espanha). Na ocasião, o escritor questionou a chamada "objetividade jornalística", comparando-a à quadratura do círculo para exprimir sua impossibilidade:

> Factos são factos, ouvimos dizer frequentemente, como se de uma verdade irrespondível se tratasse, portanto deduzir-se-á que a objectividade consistiria, pura e simplesmente, em descrevê-los. Porém, que seria descrever, pura e simplesmente, um facto, quando a própria linguagem é um dos mais acabados exemplos de subjectividade? (SARAMAGO, 2004)

Em outras ocasiões, denunciou a cadeia de interesses formada por elites da mídia, da política e da economia; a banalização crescente dos conteúdos, o esvaziamento da opinião e a atitude "camaleônica" de jornalistas que se adaptam facilmente a mecanismos censórios: "O pior jornalista é aquele que se comporta como um camaleão, sempre preparado para mudar de cor conforme o ambiente. A lógica empresarial das tiragens e da audiência convida inevitavelmente ao sensacionalismo, à manobra rasteira, ao compadrio, aos pactos ocultos", disse em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo*, em março de 2004 (apud AGUILERA, 2010, p.442).

A percepção pouco otimista de Saramago sobre o papel das mídias vai transparecer não só em artigos, conferências e entrevistas, mas também em obras de ficção como *O ano*

da morte de Ricardo Reis (1984), *Ensaio sobre a cegueira* (1995), *Ensaio sobre a lucidez* (2004) e *Intermitências da morte* (2005). Acrescente-se a este conjunto a peça teatral *A noite*, de 1979, que se passa numa redação de jornal na madrugada de 24 para 25 de abril de 1974, durante a Revolução dos Cravos.

Na peça, que voltou a ser encenada em Lisboa em dezembro de 2013, Saramago constrói seus personagens de modo a evidenciar estereótipos típicos da profissão da jornalista, que, em confronto, dão a medida das tensões políticas que antecederam a queda do regime ditatorial. Valadares, por exemplo, é o chefe que alterna o tratamento bajulador aos poderosos e o autoritarismo com os subordinados. Seu jornal é mantenedor do regime e os empregados subservientes repetem discursos de teor fascista. Um dos contrapontos é o redator Torres, um típico outsider, que se mantém no cargo por conta da competência, mas não tem a confiança dos chefes por denunciar os baixos salários e a máquina censória.

A noite é um dos textos que melhor revelam a faceta do jornalista de intervenção que Saramago foi, visto que rotinas de produção, habilidades e competências de editores, repórteres e gráficos; e mesmo graves deslizes éticos situados em contraponto ao exercício do jornalismo como missão estão nela encenados.

Ainda a respeito da experiência como empregado de jornais, o escritor disse ao jornalista Juan Domingos Lassiera:

> Se não houvesse perdido meu emprego de jornalista nos anos 70, hoje certamente não teria o prêmio Nobel. Fui jornalista pouco mais de dois anos. Um jornalista muito sui generis que nunca assinou uma reportagem, uma entrevista ou uma simples informação. Fui editorialista e subdiretor de dois diários [Diário de Lisboa e Diário de Notícias]. Passou a Revolução dos Cravos, correu o tempo e mudaram-se os usos e as sensibilidades. Os jornais deixaram de ser jornais para se transformar em grandes empresas, e fui excluído do sistema. Com 53 anos, eu me vi na rua. Ali nasceu o escritor quando decidi não procurar outro emprego e ver o que podia escrever. E aqui estou, com uma grande dívida para com o jornalismo. Ele me ensinou a escrever 99 palavras quando eram necessárias 99 palavras. (in: AGUILERA, 2010, p.86)

Esse relato reitera a singularidade da saga de José Saramago: o filho de camponeses que, sem formação escolar extensa, construiu uma trajetória intelectual baseada no autodidatismo e que, aos 53 anos, desempregado, fez uma opção inarredável pela literatura – opção que o levou a se transformar no escritor cujas obras estão traduzidas para 46 idiomas e publicadas em mais de 60 países, de acordo com informações disponíveis no site da Fundação José Saramago (www.josesaramago.org).

Por ocasião da morte do autor de *Pequenas memórias* (2006), em 10 de junho de 2010, o jornalista José Manuel dos Santos escreveu:

> A sua vida foi o seu melhor romance, costuma dizer Eduardo Lourenço. E tem razão. Nela, houve um movimento ascendente que deu tudo a quem não tinha nada. No tudo que lhe foi entregue houve até um ódio e uma recusa que o feriam, mas que transformava em combustível, ao qual juntava o fogo da sua altivez, para iluminar o rosto que mostrava ao mundo. (in: PALAVRAS, 2011, p. 449)

Depois de prometer a sim mesmo que passaria a viver só da literatura, e após a temporada vivida entre os trabalhadores rurais, no Lavre, Saramago escreveu *Manual de pintura e caligrafia* (1977), tido por críticos como uma obra injustamente esquecida, e que se inscreve temporalmente num momento crucial para as pretensões do presente estudo.

Uma metáfora possível dessa obra é que – sendo o *Manual* uma obra de gênero hibridizado entre a autobiografia, o relato de viagem, o romance e o manual (sugerido no título) – ali se encontre um testemunho da transformação do jornalista de opinião no escritor. Além disso, a própria metáfora do retrato que H, o personagem central, pinta de uma família aristocrática, imprimindo-lhe características subjetivas antes não experimentadas devido a herméticas fórmulas aprendidas e até então utilizadas, provocando o horror dos retratados, pode ser lida como um momento de compreensão e assunção do cariz artístico que tomaria sua escrita a partir dali. Isso são conjecturas para estudos futuros, mas não nos passam desapercebidas. O que de concreto temos está expresso nas palavras do ensaísta Manuel Gusmão:

> O que Saramago aprende através da sua personagem [*H, de Manual de Pintura e Caligrafia*] é que a representação não é governada pela relação de semelhança, eventualmente existente entre representante e representado. Essa descoberta liberta-lhe os movimentos na construção futura dos seus romances e, nomeadamente, ajuda a compreender a agilidade de integração de um novo tipo de maravilhoso que será de natureza cognitiva, antropológica e política. (in: PALAVRAS, 2011, p.394)

No romance seguinte, *Levantado do chão* (1980), Saramago conseguiu transpor sua visão sócio-política do mundo para uma peça estética de primeira grandeza que retrata a vida, a história e a luta do povo camponês de Portugal através dos séculos por meio da história da família Mau-Tempo. Nesta obra, que marca o início da transgressão gramatical na pontuação que o tornou distinguível, dentre os seus contemporâneos, ao utilizar a "vírgula como marca de democratização da palavra" – como analisou a escritora Inês Pedrosa em entrevista à

revista *Bravo*, quando disse que "no barroco arrojado de Saramago, as vozes menores habitam o mesmo espaço das vozes maiores" (PALAVRAS, 2011, p. 426) –, nota-se, também, um modo de produção literária calcado na pesquisa histórica aprofundada e na escrita com conhecimento de causa.

Estão, ali, não somente as raízes camponesas que o escritor possuía, enquanto nascido na aldeia da Azinhaga, mas também, como dito acima, no período que Saramago viveu na região do Alentejo, quando pôde conviver com as famílias camponesas que se sustentavam sob formas de produção baseadas no cooperativismo.

Em referência a esse esforço de pesquisa que o escritor adotou para si, certamente levou-se em conta o fato de estarmos diante de um recurso já identificado em importantes estudos saramaguianos: o uso do método histórico na escritura de romances. Desse método resultaram obras como *Memorial do convento (1982)* – que foi o primeiro êxito internacional do autor; *O ano da morte de Ricardo Reis (1984) e História do cerco de Lisboa (1986)*. Nossa intenção não é subverter esse cânone e transpô-lo para o jornalismo. Reiteramos, contudo, que em *Levantado do chão* nota-se a habilidade de Saramago em colher e organizar informações – habilidade, diga-se, anterior à sua produção romanesca, e que, se é método historiográfico usual, é também, e talvez muito mais, matéria do trabalho jornalístico.

De toda maneira, uma e outra dimensão se entrecruzam no fazer literário de Saramago para culminar numa escrita que tem como foco principal a dimensão humana, como reflete o amigo e escritor Baptista Bastos em artigo publicado no jornal Público*:*

> Poucas semanas antes de o meu amigo morrer recebi um e-mail, no qual dizia "Tu me manques": a distância reflexiva como prática de um jogo de comunicação e de necessidade de notícias.
> Notícias, aliás, foi o que José Saramago deu, em todos os seus livros. Aliás, a grande literatura como toda a grande arte, para o ser e enquanto tal, tem, obrigatoriamente, de dar notícias da condição humana e do que ocorre no coração do homem, desvendando os sótãos e os subterrâneos onde as pessoas se ocultam e mascaram. Não há arte sem informação. Toda a nossa literatura (e a de outros países) reflecte e revela essa tendência essencial. (in: PALAVRAS, 2011, p.346)

Recuperamos tais testemunhos, como o acima descrito, e outros, por entender que este perfil também necessita ser construído, também, por meio de percepções colhidas junto a pessoas que foram contemporâneas do autor. Pois, como ressalta a pesquisadora Karine Moura Vieira*:*

> A história de vida se faz e refaz no emaranhado de histórias alheias, nas idas e vindas do narrar memorial do biografado e daqueles que com ele conviveram ou convivem. É por meio da memória que a existência individual se constitui como relato e, portanto, como narrativa e como história. Nesse sentido, entende-se a memória como um fenômeno de construção individual. (VIEIRA, 2012, p.104-105)

Desse modo, pretendemos, com este artigo, dar nossa contribuição para a construção, manutenção e conhecimento da memória de Saramago, a partir do que as leituras nos revelam objetivamente e nos provocam subjetivamente, uma vez que a técnica biográfica serve tanto de metodologia para levantamento de informações quanto para lançar sobre essas informações a nossa interpretação. Isso porque, segundo Vieira (2012, p. 106), este tipo de pesquisa traz na sua própria configuração "a dialética relação objetividade/subjetividade [...] onde o questionamento se dá na interferência do subjetivo no processo, para obtenção de resultados válidos dentro da pesquisa".

Considerações finais

Quando aceitou trabalhar como editorialista do Diário de Lisboa, em 1972, José Saramago já era autor de um romance (*Terra do Pecado*, de 1947), dois livros de poemas (*Os poemas possíveis*, de 1966, e *Provavelmente alegria*, de 1970) e uma compilação de crônicas publicadas em jornais (*Deste mundo e do outro*, de 1971). Também acumulava passagens pelo mercado editorial e pela crítica literária.

Com o êxito do movimento militar que sepultou a ditadura salazarista, o escritor atuou, a partir de março de 1975, como diretor-adjunto do jornal que naquela ocasião serviria de porta-voz ao governo revolucionário, o Diário de Notícias. Nessa fase, as reflexões de Saramago passaram a ecoar na esfera pública portuguesa, principalmente no contexto dos embates políticos entre os diferentes grupos que assumiram a tarefa de gerir os destinos de país.

Tais reflexões, que estão compiladas em volumes como *As opiniões que o DL teve* (1974), *Apontamentos* (1976) e *Folhas políticas* (1999), dão conta de uma postura frontal, sempre crítica e desafiadora, mas, ao mesmo tempo, reveladora da necessidade que teve José Saramago de intervir em seu tempo. E assim o fez, seja por meio dos jornais, naquele período, seja por meio da notável literatura de ficção que produziu, seja no papel de intelectual público, tarefa cotidiana que exerceu com desassombro até o fim da vida.

Referências

AGUIAR, Marta Cristina Spínola. José Saramago e os jornais: os anos de 1968 a 1975. Dissertação (mestrado em Comunicação Social). Instituto Politécnico de Lisboa, 2014.

AGUILERA. Fernando Gomes. **As Palavras de Saramago:** catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas. São Paulo: Cia das Letras, 2010

GOBBI, Maria Cristina. Método biográfico. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2010. p.84-97

GOMES, Pedro Marques. **Os saneamentos políticos no Diário de Notícias**: Verão quente de 1975. Lisboa: Alêtheia, 2014.

LOPES, João Marques. **Saramago:** Biografia. São Paulo: Leya, 2010.

PALAVRAS PARA JOSÉ SARAMAGO. Lisboa: Fundação José Saramago; Editorial Caminho, 2011.

SARAMAGO, José. Informação, a quadratura do círculo. Conferência proferida na Universidade Internacional Menéndez Pelayo [30 jul. 2004]. Disponível em http://www.clubedejornalistas.pt/?p=2860.

_____. **As pequenas memórias**. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

_____. **As intermitências da morte**. Lisboa: Caminho, 2005.

_____. **Ensaio sobre a lucidez**. Lisboa: Caminho, 2004.

_____. **Manual de pintura e caligrafia**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

_____. **Folhas políticas** (1976-1998). Lisboa: Caminho, 1999.

_____. **Ensaio sobre a cegueira**. Caminho, 1995.

_____. **Memorial do convento**. Lisboa: Caminho, 1982.

_____. **Levantado do chão**. Lisboa: Caminho, 1980.

_____. **A noite.** Lisboa: Caminho, 1979.

_____. **Apontamentos.** Lisboa: Seara Nova, 1976.

_____. **As opiniões que o DL teve**. Lisboa: Seara Nova/Futura, 1974.

_____. **Deste mundo e do outro**. Lisboa: Arcádia, 1971.

_____. **Terra do pecado**. Lisboa: Editorial Minerva, 1947.

SILVA, Flávia Belo Rodrigues da. Entre a cegueira e a lucidez: a tentativa de resgate da essência humana nos "ensaios" de José Saramago. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2010. p.51-61

VIEIRA, Karine Moura. Para uma episteme da biografia: uma reflexão sobre os atravessamentos epistemológicos do biográfico e o seu lugar no jornalismo**.** In: MALDONADO, Alberto Efendy [et

al] (orgs.). **Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação**. Rio do Sul, RS: Unidavi, 2012. p. 101-120